

O ECOTURISMO COMO PRODUTO DE MERCADO

Pioneiro no Canyonismo, perseverante e com uma opinião muita bem definida sobre segurança preventiva nas atividades que realiza, Carlos Zaith deixa bem claro este misto de conscientização e mercado livre que vive o ecoturismo no Brasil.

Carlos é um dos primeiros brasileiros a explorar o mundo subterrâneo. Sua paixão pela Espeleologia vem desde a década de 1980, quando chegou a ocupar o cargo de coordenador de eventos da Sociedade Brasileira de Espeleologia.

Objetivo, o profissional lembra que sempre estudou sobre o assunto no qual deseja explorar e que entender os equipamentos e seu funcionamento é primordial na atividade ecoturística, seja ela canyoning, rafting ou rapel.

Desde 1990, Carlos Zaith opera suas atividades na região de Brotas, encravada na Cuesta de Botucatu e local de grande potencial turístico. Proprietário de uma operadora de turismo que se tornou referência na área, ele destaca que o profissionalismo deve ser primordial para quem trabalha no setor de ecoturismo.

Entre os lugares com problemas ocasionados por esta falta de profissionalismo, temos o exemplo do PETAR, com suas deficiências nas áreas ambiental, política e econômica. Outro local com este problema com o profissionalismo das atividades é a cidade de Brotas, com suas disputas por interesses políticos, que deixam de lado o desenvolvimento equilibrado do município.

Recentemente, a morte de uma turista praticando rapel em Brotas trouxe à tona a discussão sobre a capacitação de mão-de-obra turística e as regras de segurança a serem seguidas.

Segundo Carlos Zaith, o município possui uma legislação que infelizmente não saiu do papel por motivos políticos. Já a mão-de-obra transformou-se em problema, pois o custo se tornou insustentável devido ao grande número de “profissionais” que oferecem seus serviços por telefone ou pela Internet.

O Brasil somente irá se profissionalizar quando o número de mortes aumentar e o marketing da segurança atacar o problema. E o município de Brotas só não tem mais vítimas porque a região não é tão perigosa para as práticas esportivas.

Esta fatalidade levantou questões sobre a segurança diante do mercantilismo, que leva as empresas a seguirem o lema de que o tempo é dinheiro.

Nos últimos anos, aqui no Brasil, muitas entidades – sérias ou não – estão sendo criadas para regularizar estas atividades e fiscalizar os profissionais do turismo.

Os futuros condutores ambientais devem ser interpretadores das trilhas, pedagogos da percepção ambiental, pois lidam com emoções a flor da pele, medos e conquistas individuais.

É necessário também que o público adepto dos esportes na natureza se tornem mais conscientes dos seus deveres e se comprometam com mais seriedade nas atividades, pois não está havendo envolvimento com os esportes realizados.

A falta de consciência dos turistas chama a atenção dos formadores de opinião no ecoturismo, que, ao mesmo tempo, também precisam entender melhor as atividades. Estamos sendo superficiais nas atividades que realizamos no nosso cotidiano, tanto o turista quanto o profissional da área, pois não queremos entender o porquê, apenas operacionalizar a atividade e executar.

Felizmente, existem lugares em que o turismo é desenvolvido com responsabilidade, onde a comunidade unida não deixa que interesses externos prejudiquem o habitat local.

Portanto, se conseguirmos trabalhar seriamente, é possível tornar sustentável uma atividade tão atraente e desafiadora dos limites humanos como esta chamada ecoturismo e suas aventuras esportivas.

Adriano Buzoli (professorbuzoli@gmail.com)

